

Portugal Católico



A bela que une a diversidade

Direção de
José Eduardo Franco e José Carlos Seabra Pereira



Portugal Católico

A beleza na diversidade

TEMAS E DEBATES

Círculo-Leitores



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

© Temas e Debates, Círculo de Leitores,
José Eduardo Franco (IECCPMA), 2017

Capa: Jorge Vieira e Fernando Sousa (conceito e direção de arte)

Revisão linguística: Maria José Figueiredo (coordenação),
Sara Carvalhais de Oliveira, Margarida Nobre, Álvaro Almeida,
Milene Alves, Samuel Carvalhais de Oliveira e Joana Lima

Execução gráfica: Bloco Gráfico
Unidade Industrial da Maia

1.ª edição: novembro de 2017

Código (Círculo de Leitores): 1087355

Depósito legal número: 431 895/17

ISBN (Temas e Debates): 978-989-644-474-7



Temas e Debates – Círculo de Leitores
Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1
1500-499 Lisboa
www.temasedebates.pt
www.circuloleitores.pt

Esta edição segue a grafia do novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Reservados todos os direitos. Nos termos do Código
do Direito de Autor, é expressamente proibida
a reprodução total ou parcial desta obra por qualquer meio,
incluindo a fotocópia e o tratamento informático, sem
a autorização expressa dos titulares dos direitos.

Espaços de fronteira

Por definição, uma fronteira separa, mas relaciona; distingue, mas une no mesmo movimento que demarca identidades diferentes em presença (no caso, o que é católico e o que pretensamente já ou ainda não é católico), criando um possível espaço de relação e uma faixa porosa de pertença raiana, não demarcável por uma linha identitária precisa. Só que, conceptualmente, os conteúdos concretos implicados numa tal expressão («espaços de fronteira») multiplicam-se tanto em extensão que é impossível tratá-los neste espaço. Temos de nos cingir a olhares de ângulo. Deste modo, por razões metodológicas, de perspetivação e circunscrição temáticas, definimo-los antes de mais a partir de dentro, da declaração manifesta de pertença católica, e não do exterior: *e.g.*, de alguém que, ainda não sendo católico, se está a aproximar da Igreja.

Precisando melhor: partimos da identidade católica expressamente confessada ou reivindicada pelos próprios sujeitos envolvidos ou pelos movimentos que circulam nesses territórios limítrofes do catolicismo (a feliz etimologia greco-latina de «limítrofe»: «limes» (linha limite) + «trophê» (comida), de acordo com a gramática histórica, diz que esses são os terrenos fronteiriços de onde se tira o alimento, *i.e.*, os lotes de terra dados aos soldados romanos encarregados de guardar as fronteiras do Império e dos quais eles se alimentavam), mas sempre voltados para fora, dilatando aí o olhar. Sem esta pertença de princípio nem sequer poderia haver centro unificador e já se estaria fora, apenas do outro lado da estrema, não sendo legítimo então a ninguém apropriar-se ou anexar tais territórios sob a epígrafe equívoca e interesseira, *e.g.*, de católicos anónimos ou algo afim. Naturalmente, tal ponto de vista territorial é extremamente redutor do ponto de vista eclesiológico, pois apenas tem em conta a visibilidade exterior, a pertença sociológica. E a Igreja Católica (no sentido primitivo de *kata tou holou*, segundo o todo, universal, e não confinada apenas pela *romanitas*), além de corpo de Cristo e povo de Deus a caminho, é também *mysterium salutis* (sinal, mistério, sacramento, celebração de salvação) que não se esgota na visibilidade sacramental, porque só Deus pode sondar a orientação última do coração de cada homem e

de cada mulher. Como as duas cidades estão misturadas (*perplexae sunt*) enquanto peregrinam neste mundo, há muitos que estão sociologicamente dentro, mas já estão fora: «São apenas palha na eira do Senhor», que o vento da soberba arrastou até ao altar, como observa S.^{to} Agostinho (*Enarrationes in Psalmos*, 53, 18-19); e outros há que ainda estão fora, divertidos no teatro ou zelosos perseguidores, mas estarão dentro devido à sinceridade do seu coração. Pois se não tens caridade, «quer estejas dentro quer estejas fora da Igreja, és anticristo. Quer estejas dentro quer estejas fora, és apenas palha (na eira do Senhor). Mas porque é que já não estás fora? Por falta de vento para te levar», insiste o mesmo S.^{to} Agostinho (*In Johannis ad Parthos*, III, 9). É, pois, evidente a impossibilidade de separar já, *in via*, quem

é católico de quem o não é; e a tentativa cortante de demarcar a fronteira constitui mesmo aquela tentação luciferina de se colocar no lugar de Deus e de ter um ponto de vista absoluto sobre os homens e a história, a fim de separar já, *hic et nunc*, antes da colheita final, o pretense trigo e o pretense joio. Cautamente, por isso, vamos centrar-nos apenas em alguns espaços de fronteira que se afirmam dentro, embora nas periferias, da Igreja Católica portuguesa, e apenas no presente (já que tratar aqui a questão diacronicamente é tam-

bém impossível, embora o desafio protestante e a questão judaica, do séc. XVI ao séc. XX, fossem muito importantes, que o digam, *e.g.*, Uriel da Costa ou Francisco Xavier, o Cavaleiro de Oliveira; nestes casos, se atendêssemos ao modo como o marranismo moldou por dentro o modo de português de ser católico, as periferias e as fronteiras teriam de se dilatar extraordinariamente). E mencionaremos ademais tão-só um pequeno conjunto de experiências eclesiais que, se se dizem em si mesmas católicas, não coincidem em tudo, por razões variadas (doutrinárias, sacramentais, de género e sexuais, morais, canónicas, organizacionais, pastorais, etc.), com aquilo que o *Catecismo da Igreja Católica* e o magistério ordinário definem como tal. Escolhemos assim (apenas) alguns movimentos que se organizaram publicamente e constituem desafios internos para que a Igreja Católica portuguesa, sem proseli-





Encontro nacional de outono de Graal.⁽²⁾

tismo, alargue cada vez mais as suas extremas, a partir de dentro, para que *in omnibus caritas*. Eles celebram existencialmente a partilha, transgredindo essas linhas imaginárias inexistentes, justamente chamadas fronteiras. A saber, o Graal-Movimento Internacional de Mulheres; o movimento Nós Somos Igreja; o Fraternitas Movimento, que reúne padres dispensados do ministério e suas famílias; o Metanoia-Movimento Católico de Profissionais; Rumos Novos-Católicos Homossexuais, e Riacho. Estes movimentos desenham geometrias que amiúde se cruzam e encontram em causas comuns. E não esgotam, naturalmente, as experiências e a imensa riqueza do solo fértil desses espaços de fronteira. Porque o Espírito sopra onde quer.

Graal-Movimento Internacional de Mulheres

Importa dizer que muitas destas experiências eclesiais, em Portugal, foram e são influenciadas por movimentos similares internacionais, já que os problemas e as aspirações que emergem noutras latitudes exprimem vontades e anseios tanto da Igreja universal como das Igrejas locais. Exemplifica isto o Graal-Movimento Internacional de Mulheres, que nasceu na Holanda, em 1921. No âmbito do *aggiornamento* trazido por João XXIII e, depois, pelo Concílio Vaticano II (faziam-se sentir também em Portugal, agravados pela ditadura (M.^a de Lourdes Pintasilgo e T. Santa Clara Gomes trouxeram o movimento para Portugal, em 1957), os mesmos anseios de justiça, paz e reconhecimento do papel das mulheres e a necessidade de participação feminina ativa, na Igreja e na sociedade. A Revolução dos Cravos (de 25 de abril de 1974) e o novo ambiente político, social, cultural, artístico, etc., permitiram ao Graal responder aos sinais dos tempos, constituir-se

“ São espaços onde se vão ensaiando novos estilos de vida, onde se experimenta a unidade e a comunhão entre as pessoas, onde se procura reunir condições quer para a discussão do que se passa no mundo, quer para uma verdadeira busca espiritual. ”

como associação de carácter social e cultural (1977) e afirmar-se cada vez mais como espaço de valorização e de intervenção das mulheres na vida pública. Neste contexto, a pertença declarada de muitas das protagonistas à Igreja Católica determinou, do mesmo modo, exigências de transformação interna da instituição no que toca à participação das mulheres, não como meras reivindicações funcionais, mas aprofundando a sacramentologia, a teologia no feminino, a vivência da fé, a mudança de vida, a partilha dos bens em comunidade, etc. Nestes quase 60 anos de presença em Portugal, o Graal (no Terraço, em Lisboa, e na Golegã) tem sido um espaço de fomento da consciência crítica e emancipadora, visando a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, a luta contra todos os tipos de discriminação sexista, e o estímulo à liderança e tomada de decisão por parte das mulheres, também dentro da Igreja Católica, embora não se reduza a ela. Como o próprio movimento diz de si, os centros do Graal são polos de referência para a vida e ação coletiva, espaços de acolhimento e voltados para fora, de criação de contextos que façam emergir o acontecimento, o talento de cada um dos seus membros, a festa, assim como iniciativas e projetos. São espaços onde se vão ensaiando novos estilos de vida, onde se experimenta a unidade e a comunhão entre as pessoas, onde se procura reunir condições quer para a discussão do que se passa no mundo, quer para uma verdadeira busca espiritual. São espaços onde se pretende criar uma atmosfera em que cada momento tenha presente o valor simbólico dos gestos e dos objetos, as dimensões estética e cultural.

Nós Somos Igreja

O movimento internacional Nós Somos Igreja, que nasceu formalmente na Áustria, em 1995, chegou a Portugal, em 1997, pela mão de pessoas ligadas ao Centro de Reflexão Cristã (Lisboa), no âmbito de uma ampla petição mundial feita à Santa Sé, por parte de católicos e de católicas de todo o mundo que, à luz dos evangelhos e do Concílio Vaticano II (*Lumen Gentium, Gaudium et Spes, Nostra Aetate, Dignitatis Humanae,*

etc.), pediam uma efetiva eclesiologia de comunhão, já que a Igreja é, em primeiro lugar e acima de tudo, o conjunto das pessoas batizadas. Questionavam assim fronteiras e periferias de pessoas excluídas e mandadas calar dentro da própria Igreja, bem assim a divisão de natureza quase maniqueizante que, desde o começo do 2.º milénio do cristianismo, cavou e aprofundou a rutura entre clérigos e leigos, entre a hierarquia docente e os simples fiéis. Urgia e urge construir passagens, pontes, e demolir muros seculares. Deste modo, a «Petição do povo de Deus» denuncia essas fronteiras-muro e demanda, em primeiro lugar, a construção de uma Igreja mais fraterna, mais participada e mais dialogante nas suas diferentes esferas de ação, e que os fiéis possam ter uma palavra a dizer na escolha dos seus pastores, conforme uma sadia tradição que remonta ao cristianismo primitivo (eleição por aclamação, *e.g.*, do sacerdote Agostinho de Hipona, *et alii*). A segunda fonteira diz respeito às mulheres. A «Petição» pede uma nova atitude da hierarquia eclesiástica para com elas, para que se deixe de vez o paradoxo misógino e infantilizante que amputa a humanidade e a Igreja de uma das suas expressões mais operantes, *e.g.*, no serviço das paróquias, na catequese, etc. Pede-se, ademais, o acesso ao diaconado e à ordenação sacerdotal, e que se ultrapasse de vez a desconfiança do feminino que impede as mulheres de animarem Igrejas locais, as diz incapazes de explicarem a palavra, de anunciarem o evangelho e, como crianças, de serem consideradas maduras na fé (presbíteras). A terceira fonteira é ministerial. Nós Somos Igreja demanda o reequacionamento dos ministérios ordenados adentro da Igreja, reconhecendo designadamente que, a partir do sacerdócio comum dos fiéis – povo de

Deus a caminho –, todos devem poder exercer ministérios ordenados, e que há ministérios ordenados que não implicam a obrigação canónica do celibato, o qual, diferentemente do voto de castidade, se tornou um secular instrumento de poder e de controlo eclesiástico. A quarta fonteira é justamente a da sexualidade. Requer-se que a Igreja, em vez de ter medo do sexo, o valorize positivamente como elemento constitutivo do humano. E que comece por fazer bem o seu trabalho de casa, sem moralismos diabolizadores ou angelizantes, na formação dos seminaristas e jovens sacerdotes, para evitar o mais possível essa pedra de tropeço que tem sido a pedofilia, também em Portugal. E espera-se, outrossim, que respeite a consciência dos seus membros no que concerne às decisões relacionadas com a paternidade e a maternidade responsáveis, o reconhecimento consciente da orientação sexual própria, que não ostracize posições teológicas discordantes das dos teólogos oficiais, em Roma, e, igualmente, inviabilize de vez a humilhante exclusão sacramental a que são obrigados divorciados(as), recasados(as), padres casados, etc. Por fim, pede-se que a Igreja transgrida, ela própria, muitas das fronteiras que não tem ousado transpor com facilidade: que se empenhe mais na promoção dos direitos humanos, *ad intra et ad extra ecclesiam*, valorize questões de ordem ética e moral nos domínios da paz entre os povos e as nações, na participação na vida política; que tenha uma palavra clara no que toca às questões de justiça económica, social, geracional, ecológica, à partilha de recursos, e que denuncie sem reboço as indústrias do armamento, a chantagem e a violência em todas as suas formas e expressões. Mau grado o caso Martha Heizer, Nós Somos Igreja talvez possa reconhecer, agradecido,



Jorge Wemans, jornalista.⁽³⁾



António Matos Ferreira, professor universitário.⁽⁴⁾

“

A referência comum para todos é o evangelho de Jesus, o seu estilo de vida e o seu modo misericordioso de agir. Cada um – homem e mulher, jovem e idoso, casado e solteiro, padre ou leigo – é reconhecido para o outro como um dom e uma exigência.

”

alguns passos e gestos proféticos que nesse sentido têm sido dados pelo Papa Francisco.

Fraternitas Movimento

Outro espaço de fronteira do Portugal Católico diz respeito aos padres dispensados do ministério e reduzidos ao estado laical, casados ou não, e às suas famílias. Presume-se que haja hoje, em Portugal, para acima de 400 ex-padres (casados ou não). À semelhança do que fora feito em outros países, uma centena deles decidiu criar, em 1997, uma associação privada de fiéis, a Fraternitas Movimento, aprovada pela Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) no ano 2000, para ajudar espiritualmente aqueles ex-padres que, continuando a afirmar-se publicamente como crentes e católicos, buscam um espaço de acolhimento, de amizade, de encontro e de partilha de alegrias e tristezas, angústias e necessidades. E, claro, também um lugar de celebração da fé que os anima e de meditação na palavra de Deus entre pares que compreendem bem as histórias de vida uns dos outros. A média de idades destes ex-padres é hoje elevada, mas há casos de padres jovens que, recentemente, decidiram abandonar o ministério sacerdotal. Esta decisão é quase sempre muito dolorosa, abrindo um processo cheio de dificuldades de toda a ordem, e demarcando uma fronteira existencialmente dramática. Quebram-se laços e solidariedades afetivas, espirituais e materiais; amiúde, e dependendo da compreensão e da maior ou menor simpatia do bispo em causa, o processo canónico de dispensa e redução ao estado laical arrastava-se até há pouco por anos, tornando a reconstrução da vida familiar e profissional um autêntico inferno. E nestes casos – mormente quando já há filhos pelo meio – a solidariedade da Fraternitas é essencial nesse processo de regularização canónica e acompanhamento material e espiritual. Até porque, não raro, a incompreensão e recusa de muitos que até aí eram próximos, já familiares, já confrades de ministério (*sacerdos sacerdoti lupissimus*), corta de golpe as redes de solidariedade, de pertença e de amparo, e atira os ex-padres muito para lá dos espaços de fronteira, tantas vezes para solidões extremas e tremendas periferias existenciais. Alguns deles,

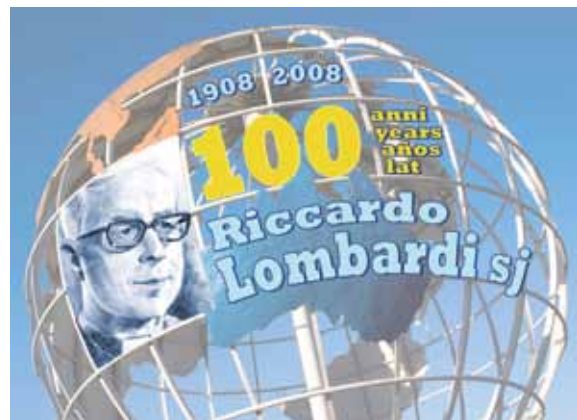
tratados como *lapsi* (apóstatas) ou desertores, não suportaram a estigmatização, a coação moral, espiritual e material, nem as contradições de uma instituição que ensinaram ser mãe e mestra. Naturalmente, estas são histórias de vida que não se contam a preto e branco. Mas alguns deles, feridos no corpo e na alma, cruzam sem olhar para trás a fronteira do já-não talvez sem retorno. Poderíamos dar nomes concretos, narrar casos reais, contar histórias de vida. Não é aqui o lugar. Muitos outros, talvez a grande maioria, sabem que foram suspensos da função, mas não deixaram de ser padres ou, apesar de tudo, de se sentir padres, porque a vida é mais rica que os cânones. Para estes, a pertença a uma associação como a Fraternitas é uma âncora e um lugar onde as suas capacidades, as suas potencialidades e os seus conhecimentos podem continuar a ser aproveitados em favor da comunidade, seja na educação, na ação social, ou mesmo na pastoral. E muitos não deixam de assinalar uma diferença de tratamento: não compreendem por que razão a Igreja Católica de rito latino acolhe e integra calorosamente casados católicos, *i.e.*, sacerdotes anglicanos ou ortodoxos, já casados, que se converteram ao catolicismo, e não dispensa o mesmo acolhimento a padres católicos casados. Todos eles olham para o Papa com esperança. Para eles, Francisco não está do outro lado da fronteira.

Metanoia-Movimento Católico de Profissionais

Metanoia-Movimento Católico de Profissionais é talvez, no âmbito deste pequeno ramalhete de experiências, o que mais diversidade transporta dentro de si mesmo. Não há uma causa única que reúna os seus membros, o que a sua genealogia histórica e sociológica porventura justifica. A sua génese representa, digamos assim, uma fase adulta e estruturada apenas q.b., já no final dos anos 80, do que foram dinâmicas de encontro da maioria dos seus membros, ainda jovens, enquanto participantes nos vários grupos da Ação Católica e de outras organizações congêneres, anteriores (Centro Académico de Democracia Cristã) e posteriores (Movimento Católico de Estudantes), nos anos 60 e 70, quando uma só palavra

unia praticamente todo o espectro do mundo juvenil em Portugal: «militância» (política, partidária, religiosa, cívica, social, cultural, etc.). Nesses movimentos, muitos jovens, vindos das mais distintas resistências, dissidências e proveniências, encontravam-se e sintonizavam em sonhos, interrogações, intervenções, projetos de vida, etc. Contudo, à medida que se iam tornando jovens adultos, no começo dos anos 80, acabando os seus cursos e assumindo responsabilidades profissionais (a maioria dos seus membros são profissionais de saúde, professores, jornalistas, engenheiros, embora haja nele praticamente todas as profissões, inclusive padres), casando-se, tendo filhos, constatavam que aquelas dinâmicas juvenis já não conseguiam responder a preocupações, anseios, desejos, interrogações pessoais, ao desejo de estarem juntos, nem tão-pouco à nova realidade política, social, profissional e familiar em que viviam. A interrogação tornou-se então: que fazer em tempos de mudança? E a resposta foi sendo encontrada em conjunto, nos vários encontros realizados na segunda metade dos anos 80, em Lisboa, em Coimbra, no Porto, em Braga: queremos continuar a encontrar-nos, a viver e a partilhar a nossa fé em Jesus Cristo, no quadro do nosso atual estado de vida e da nossa presente realidade social e laboral. Daí a decisão de lhe dar o nome Metanoia: conversão, transformação, viragem..., e de o formalizar minimamente, o que aconteceu com a aprovação de estatutos, em 1992, pela CEP. A organização interna do Metanoia pretende-se leve e flexível, apenas a suficiente para preparar os encontros, e assenta nos princípios da participação democrática, da corresponsabilidade, do voluntariado e da assunção coletiva de encargos, e do autofinanciamento da sua vida interna. O Metanoia é acima de tudo um espaço e um tempo de encontro que acolhe todas as pessoas, homens e mulheres livres, sejam crentes ou descrentes, nas mais variadas circunstâncias da sua vida concreta, amiúde fragmentada, a partir do que cada um vive e transporta, procurando não separar interioridade e exterioridade, reflexão e vivência, princípios e ação, espiritualidade e cidadania. A adesão é sempre individual, mesmo quando existam casais. E porque se confessa católico (universal), não pede antecipadamente a ninguém o bilhete de identidade: religioso, civil, político, laboral, sexual, condição de vida, etc. O que importa é que cada pessoa se sinta acolhida e respeitada na sua singularidade e autonomia. Nele, todos os que vêm participam livremente, pensando, interrogando, debatendo, celebrando, ou, para aqueles que nisso creem, festejando em conjunto Jesus ressuscitado. E os sacerdotes são sempre participantes e não assistentes; e têm uma palavra como a dos outros, e não a palavra final. A referência comum para todos é o evangelho de Jesus, o seu estilo de vida e o seu modo misericordioso de agir. Cada um – homem e mulher, jovem e idoso, casado

e solteiro, padre ou leigo – é reconhecido para o outro como um dom e uma exigência. No Metanoia existem, cruzam-se e convivem todas as sensibilidades religiosas, filosóficas, científicas, políticas, jurídicas, económicas, artísticas, sociais... Não há cartilhas prévias nem programas de ação ou orientações precisas de intervenção no espaço público (nas ruas das cidades, nas escolas, nos hospitais, nos *media*, nas igrejas...), mas há em tudo exigência de justiça, de abertura e de inclusão do estranho e do aflito, inventando aí, nessas fronteiras de vidas muitas vezes rasgadas, novas formas de relação inclusiva. O Metanoia vive de uma geometria variável e constantemente em rede (contactos pessoais entre as pessoas, uma revista *Viragem*, *Folha de Ligação*, telefonemas, mensagens eletrónicas e encontros), assumindo integralmente a fragilidade e a singularidade da nossa condição humana. Em termos de dinâmicas locais periódicas, realiza encontros mensais abertos a todos os que aparecem (sempre ou apenas uma vez), em Lisboa, no Porto e em Braga, embora haja pessoas espalhadas por todo o continente e pelas ilhas, que podem reunir-se esporadicamente como membros ou não, aprendendo sempre na partilha de uns com os outros. Tais dinâmicas potenciam outros encontros entre as pessoas (seja nas paróquias, em grupos de oração, em partidos políticos, nas artes, como o teatro ou o cinema, em caminhadas, noutros movimentos eclesiais, etc.), pertençam ou não ao movimento, porque este não vive para si mesmo, mas é apenas mediador, diafania, transporte e passagem. Anualmente, costuma haver uma assembleia geral (no inverno) e um encontro de reflexão teológica (no verão). Cruzam-se no Metanoia esferas várias de participação: associados que se quotizam, pessoas que apenas passam uma vez, outras que não pertencem formalmente ao movimento, mas são animadores locais, outras ainda que apenas recebem a revista ou a *Folha de Ligação*, etc. O Metanoia assume-se como apenas mais uma experiência da Igreja que segue e prolonga a presença de Jesus,



Centenário do P.º Riccardo Lombardi, sj.⁽⁵⁾

construída na fragilidade de tudo o que é humano; assume a sua efemeridade e contingência; não pretende comparar-se com outras formas de encontro e de viver a fé, com as quais se alegra e se sente mais rico; não se pretende uma experiência acabada ou perfeita, aceita a relativa obscuridade que envolve todas as nossas vidas, mas está continuamente em descoberta, em construção, em metanoia e em êxodo sob o esplendor da sua face. Em suma, é uma longa e permanente conversa(ão), sempre a fazer-se e refazer-se, nas fronteiras da nossa existência nómada e crente.

Rumos Novos-Católicos Homossexuais, e Riacho

Os homossexuais portugueses que criaram a associação Rumos Novos decidiram fazê-lo enquanto católicos. Longe de qualquer provocação, foi a assunção livre e consciente da experiência cristã por um grupo de pessoas (homens; também há lésbicas católicas praticantes, mas a sua aparição pública como grupo, que saibamos, é praticamente inexistente, inserindo-se mais em grupos heterogéneos como a ILGA) que não quer deixar de ser Igreja e de seguir Jesus Cristo, lendo os evangelhos, assumindo a sua pertença e adesão à tradição católica secular (o nosso lugar é na Igreja Católica, dizem). Não é uma posição fácil, porque o fazem sem esconderem ou abdicarem da sua condição de pessoas homossexuais. E na nossa sociedade portuguesa, muito católica e muito marialva, dar a cara por esta associação íntima entre católico e homossexual é mais que estar na fronteira: é ser atirado para uma *no man's land*, à mercê e presa fácil dos preconceitos das muitas barricadas que, tanto de um lado como do outro de todas as fronteiras, contra eles se erguem. Muitos fatores para isso concorreram e ainda concorrem. Não é nossa intenção enumerá-los sequer. Mas, do ponto de vista da Igreja Católica, convém referir alguns muros: uma exegese bíblica (Gn 19, 1-29; Lv 18, 22; Rm 1, 26-27; 1Cor 6, 10) que vincula homossexualidade, inospitalidade, politeísmo e idolatria, a parenética dos Padres da Igreja, o direito canónico, certos paradigmas filosóficos naturalistas da filosofia greco-latina (lei moral natural e comportamento contranatura) depois introduzidos na doutrina, na antropologia, na lógica, na linguagem e na pastoral; uma sexualidade centrada exclusivamente na procriação e não em todo o projeto existencial de um ser humano em busca da felicidade; um contexto cultural e literário



tardo-antigo que marcou profundamente o processo de formulação das opiniões avalizadas da Igreja (os dogmas) e a reflexão teológica antiga e medieval. E assim por diante. É certo que, em 1976, a Congregação para a Doutrina da Fé, na declaração *Persona Humana*, reconheceu a diferença entre a condição ou a tendência homossexual, *i.e.*, um estado permanente, um modo-de-ser-no-mundo não culpável, e os atos homossexuais concretos (considerados, estes, intrinsecamente desordenados), aconselhando as pessoas homossexuais à castidade. Aquela distinção e este conselho foram retomados, aprofundados e apurados posteriormente (1979, 1986, 1992, 2003, 2010, 2011, 2012), mas não se resolveu nunca a exclusão de fundo ontológico quanto ao ser homossexual. É por isso que, desde 2007 e 2008, um grupo de homossexuais assumidamente católicos se reúne regularmente, muitas vezes em espaços eclesiais urbanos (Lisboa, Porto, Lamego, Coimbra, Fátima, Setúbal, Évora, Portimão), sob o lema «Aceitar a Sexualidade, Encontrar Comunidade, Viver a Fé». Os seus nomes, tanto os dos animadores dos Rumos Novos como os do Riacho, são corajosamente públicos, aparecendo nos vários *sites* ou blogues que mantêm. Muitos deles, em torno de um plano pastoral programado, costumam encontrar-se mensalmente para refletirem em conjunto e celebrarem a fé (*e.g.*, no dia 6 de novembro de 2016, realizaram o seu 100.º encontro mensal no convento das monjas dominicanas do Lumiar, em Lisboa, com o tema: a castidade proposta aos homossexuais). Atentos a todos os sinais dos tempos, auscultam as suas vidas à luz dos evangelhos e vão escutando as muitas vozes de padres e de bispos cuja abertura lhes dá alguma esperança. Mas sabem bem, até por muitos pontapés levados, que na Igreja Católica certas portas estão cerradas. O sexo assusta; os clichês não pensam; e a homossexualidade (como toda a sexualidade humana, aliás) está envolta num profundo mistério. Não é inteiramente natural nem inteiramente cultural. É da ordem da relação e da integração entre ambas. E ninguém sabe a gramática que lhe conjuga todos os tempos e modos (biológicos, familiares, educacionais, culturais, vontade, liberdade, graça...). Assim, o que os homossexuais pedem ao magistério é simplesmente que se lhes reconheça a possibilidade de viverem, de forma duradoura e estável, o seu amor e a sua atração sexual para com pessoas do mesmo sexo. Pois «se uma pessoa é *gay* e procura Deus e tem boa vontade, quem sou eu para o julgar?», como comentava o Papa Francisco a 29 de julho de 2013. Nesta pergunta encontra-se já uma resposta. Acolhedora. Evangélica. Promissora.

José Maria Silva Rosa

José Maria Silva Rosa